

Resenha:

Mueller, RoseAnna. *Teresa de La Parra; A Literary Life*. Newcastle Upon Tyne, UK: Cambridge Scholars Publishing, 2012. 300 páginas.

[definir título diferente do título da obra]

EVA PAULINO BUENO *

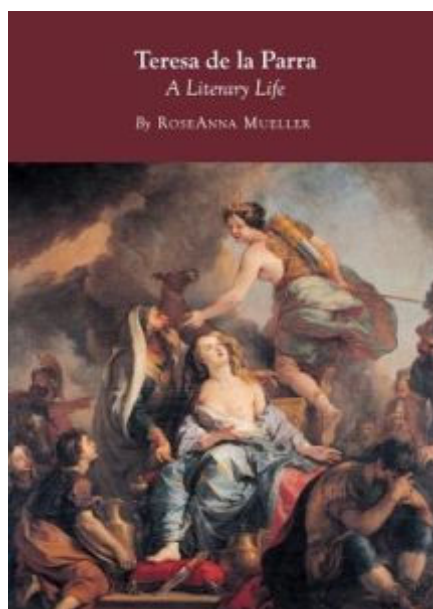
Este livro de RoseAnna Mueller conta uma parte de uma experiência que é muito comum entre nós, professores: descobrir um assunto de pesquisa de forma que parece um acaso. Como ela nos conta no Prefácio do livro, ela entrou em contato com o trabalho de Teresa de la Parra quando foi trabalhar na Venezuela por ter sido nomeada pela Fulbright para representar os Estados Unidos naquele país, como professora. Ali, ao buscar material para seu curso sobre mulheres escritoras da América Latina que ela ia ensinar na Universidad de los Andes em Mérida, ela leu o livro que é considerado o mais representativo da obra de Teresa de la Parra, *Ifigenia, el diario de una señorita que escribió porque le fastidiaba* (1924).

Qualquer pessoa que lê este livro de Teresa de la Parra (1889-1936) fica surpreso e deliciado ao ver que a venezuelana, já no início do século XX, escreveu com tanta elegância, humor e inteligência sobre a situação da mulher no seu país. Mas, como nos aponta RoseAnna Mueller, *Ifigenia* é um livro que pode ser visto como uma crítica feroz à maneira em que a sociedade de seu tempo condenava a mulher inteligente e vivaz a calar sua boca e fingir que não

sabia o que sabia, para poder garantir sua sobrevivência através do casamento.

Como em todos os países ocidentais no início do século XX, a mulher de classe média não tinha muitas opções profissionais. Para a protagonista, Maria Eugenia, criada com todo o mimo, com viagens à Europa e roupas caras, a sociedade venezuelana lhe parece provinciana, sem graça; entediada e impossibilitada de ter uma profissão — o que hoje em dia a mulher pode ter — ela então se dedica a escrever cartas a uma amiga, e depois escreve um longo diário em que reflete sobre o que vê ao seu redor, sobre como as pessoas se relacionam. Sem querer estragar o prazer de quem queira ler o livro, somente direi que Ifigenia é uma figura da mitologia grega, sacrificada para que a sociedade possa obter o que precisa.

Mas o livro de RoseAnna Mueller não é um simples estudo deste romance. Embora *Ifigenia* tenha sido a sua porta de entrada para a obra de De la Parra, o livro vai muito adiante, e discute toda a obra ficcional da autora, assim como suas cartas, seus diários. Adicionalmente, o livro traz a tradução ao inglês das três



palestras que De la Parra deu em Bogotá em 1930.

No primeiro capítulo, “Uma heroína no romance de sua própria vida”, RoseAnna Mueller apresenta um sumário da vida de De la Parra, que — como Maria Eugenia — era filha da classe abastada venezuelana, e foi criada em parte na Europa a partir dos oito anos de idade. Exatamente como a protagonista, De la Parra retornou ao seu país aos dezoito anos. Como ela escreve em uma carta a Carlos García Prada, em Caracas ela observou o conflito da “nova mentalidade das mulheres jovens que viajavam e liam, mas que ainda estavam presas às idéias e costumes de uma era anterior” (2). Este conflito, de acordo com De la Parra, lhe deu a idéia para escrever o romance *Ifigenia* (que Mueller discute no segundo capítulo) mas que o romance não é autobiográfico. O que é mais autobiográfico em relação à sua infância é o livro *Memórias de Mamá Blanca*, que foi publicado em 1929.

Este romance é estudado no capítulo três, no qual Mueller afirma que em *Mamá Blanca* De la Parra “oferece uma visão rara e privilegiada da vida de uma fazenda de açúcar na Venezuela, recuperando um estilo de vida que estava desaparecendo rapidamente” (69). Mueller nos recorda que os críticos mais recentes estão sugerindo novos estudos deste romance, especialmente se comparado com o romance *Doña Bárbara* (1929) escrito pelo também venezuelano Rómulo Gallegos (1884-1969). Em ambos os romances, a Venezuela da época se revela em grandes pinceladas que exploram, no caso de *Ifigenia*, as relações familiares, enquanto que em *Doña Bárbara* a mulher



personifica a natureza selvagem do país, e a luta do homem para dominá-la e “civilizá-la.”

No quarto capítulo, “Criollo Consumerism,” Mueller discute como, em *Ifigenia*, De la Parra introduz referências comerciais no romance, indicando, por nome de cada artigo que os personagens usam, como a protagonista e suas amigas participam da sociedade de consumo. Isto é algo surpreendente para a época, e coloca De la Parra e sua protagonista Maria Eugenia como participantes de uma sociedade que conhece e consome estes produtos, os quais estão muito longe do poder aquisitivo da sociedade em geral. Isto é, a classe se revela através do que se consome.

No quinto capítulo Mueller nos mostra como o assunto da raça aparece nos romances, palestras, diários e cartas de De la Parra. Em *Ifigenia*, por exemplo, De la Parra revela as discussões de uma família “bem” sobre a mistura racial. Como muitos “criollos” — brancos de origem europeia nascidos na Venezuela — a família de Maria Eugenia refere a si própria como *mantuanos*, aqueles que durante o período colonial usavam *mantas*, um sinal de sua origem superior, europeia. Num país em que a presença de negros era pronunciada, o contato entre brancos e negros era inescapável. Para De la Parra, as relações humanas, especialmente entre mulheres de raças diferentes são muito importantes, e ela chega inclusive a dizer que a situação da mulher negra que pode (e tem que) trabalhar para se sustentar é superior à da jovem branca para a qual o casamento é a única forma de sobrevivência.

Nos quatro capítulos subsequentes, Mueller discute as três palestras que De la

Parra deu na Colômbia, e aponta como a autora é uma pensadora original e – para seu tempo — atrevida e corajosa. No capítulo dez Mueller comenta os contos escritos por De la Parra. Um deles apareceu como um dos capítulos de *Ifigenia*, enquanto que outros foram publicados em periódicos em diferentes épocas, abordando vários temas, alguns dos quais originando no folclore venezuelano. O que faz alguns destes contos algo especial e digno de nota para a literatura latino americana é que, de acordo com Mueller, eles já introduzem o elemento do maravilhoso: “O leitor é transportado para um mundo mágico e fantástico e a autora explora o mundo intuitivo e imaginário através de seus personagens brincalhões” (215).

No capítulo onze, Mueller nos dá a tradução ao inglês da entrevista que De la Parra deu ao *Diario de La Marina* em 1 de abril de 1928 em Havana. A entrevista foi conduzida por Armando Maribona, um jornalista que não gostava de De La Parra, e que inclusive havia publicado uma caricatura dela. Esta entrevista é importante porque o jornalista colocou a escritora em uma situação difícil ao levantar assuntos políticos controvertidos. As respostas de De la Parra, pega de surpresa pelas perguntas, levaram os exilados venezuelanos a se ressentirem da autora e mais tarde causarem uma reação negativa à palestra que ela deu em Baranquilla, na Colômbia. Este capítulo é muito interessante para que possamos ver como mesmo uma pessoa inteligente como De la Parra pode cair nas armadilhas de um jornalista com más intenções, talvez irritado com a fama da



* EVA PAULINO BUENO é escreve sobre literatura brasileira, cultura popular, cinema

autora, tentando derrubá-la e causar-lhe problemas.

O capítulo doze, bastante breve, é uma tradução da introdução que o tradutor de *Ifigenia* ao francês faz para apresentar o romance aos seus leitores. É um documento importante para mostrar como em outro país as aventuras e desventuras de Maria Eugenia estavam sendo encaradas. O capítulo treze é uma seleção das cartas que De la Parra escreveu para diversas pessoas, discutindo assuntos diferentes, sempre com uma mente clara e uma compreensão muito fina do seu país e de outros da América Latina. O último capítulo, também muito breve, apresenta os diários de De la Parra, que nos dão uma visão mais íntima da autora, seus sentimentos, e sua luta contra a tuberculose.

Recomendo este livro a todos os estudantes da literatura latino americana interessados em aprender sobre uma autora que ficou esquecida por muitos anos, mas que agora cada dia se revela mais importante. Teresa de la Parra, uma das primeiras a enfatizar a injustiça no tratamento da mulher, é uma das grandes da literatura latino americana, e seu exemplo pode dar alento da muitas autoras jovens. RoseAnna Mueller faz um excelente trabalho em apresentar esta autora em um livro que explora as várias características da artista, e nos encoraja sua obra.

Recebido em 2013-03-25

Publicado em 2013-04-06

e estudos da mulher. Seus livros mais recentes são *The Woman in Latin American Literature; Essays on Iconic Characters* (McFarland, 2012), e *Amacio Mazzaropi in the Film and Culture of Brazil; After Cinema Novo* (Palgrave Macmillan, 2012).